

# A POLÊMICA DA NARRATIVA REVISITADA

## THE CONTROVERSY OF THE NARRATIVE REVISITED

Ana Cristina Fricke MATTE<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, defende-se a importância da Tipologia da Ação, pertencente à dimensão interníveis que, em virtude dos níveis envolvidos na análise, chamamos de Narrativo-Discursiva: a Dimensão Pragmática, do Nível Narrativo, e a Dimensão do Ator, do Nível Discursivo. Sua análise, além de evidenciar o sincretismo de papéis, traz à luz a Polêmica da Narrativa, pouco presente em publicações semióticas contemporâneas. A Tipologia baseia-se, conforme Barros (1988), no tipo de ação (aquisição ou privação) e na relação atores/actantes na Etapa da Ação (atores iguais/diferentes em S1 e S2). A polêmica reside na relação de pressuposição entre os dois tipos de ação (aquisição/privação). Assim, sugerimos dois tipos de polêmica, alienada e cônica, conforme o envolvimento do sujeito de estado (S1) na transformação em foco. Assim, o primeiro tipo é aqui chamado de Polêmica Alienada, com pouca ou nenhuma consciência ou participação de S1 na transformação de estado: nela, a Apropriação é o reverso da Espoliação. No outro tipo de polêmica, a Polêmica Cônica, o papel de S1 é preponderante para a permissão ou consciência da transformação, com a Doação sendo o reverso da Renúncia. Este artigo apresenta a metodologia e a aplicação da Tipologia da Ação.

**Palavras-chave:** Actantes. Atores. Polêmica da narrativa. Ponto de vista. Sujeito de estado.

---

<sup>1</sup> Docente da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). E-mail: anacrisfm@ufmg.br

**Abstract:** This work defends the importance of the Typology of Action, belonging to the interlevel dimension that, due to the levels involved in the analysis, we call Narrative-Discursive: the Pragmatic Dimension, of the Narrative Level, and the Actor Dimension, of the Discursive Level. Its analysis, in addition to highlighting the syncretism of roles, brings to light the Controversy of the Narrative, which is rarely present in contemporary semiotic publications. The Typology is based, according to Barros (1988), on the type of action (acquisition or deprivation) and the actor/actant relationship in the Action Stage (same or different actors in S1/S2). The controversy lies in the presupposition relationship between the two types of action (acquisition/deprivation). Thus, we suggest two types of controversy, alienated and conscious, depending on the involvement of the state subject in the transformation in focus. Therefore, the first type we call Alienated Controversy, with little or no awareness or participation of S1 in the transformation of state: here Appropriation is the reverse of Spoliation. In the other type of controversy, the Conscious Polemic, the role of S1 is preponderant for the permission or awareness of the transformation, with Donation being the reverse of Renunciation. This article presents the theory and practice of the Action Typology.

**Keywords:** Actants. Actors. Narrative controversy. Point of view. Subject of state.

## Introdução

O Nível Narrativo, apesar dos avanços da Teoria Semiótica em direção a outras searas, permanece sendo importante, pois funciona como um balizador do texto, além de ter sido a primeira sistematização que a Semiótica compôs e que perdura até hoje. As balizas criadas pela Narrativa são essenciais nas análises de alguns textos, enquanto, nas análises de outros, são irrelevantes, tal como normalmente acontece com todas as categorias de análise do Percurso Gerativo do Sentido.

Uma das primeiras investidas na análise do Narrativo é localizar no texto quem são os atores com papéis actanciais. Papéis actanciais são sujeito de estado (S1), sujeito do fazer (S2), objeto-valor (O), destinador (D<sup>or</sup>) e destinatário (D<sup>ário</sup>), cuja relação é o foco actantes do Nível Narrativo. E atores? Permito-me descrevê-los como as figuras personificáveis do Nível Discursivo que ocupam papéis actanciais no texto em foco. Por exemplo:

- Maria me deu um lápis.
  - Sujeito do fazer (S2) = Maria: S2<sub>Maria</sub>
  - Sujeito de Estado (S1) = "eu": S1<sub>eu</sub>
  - Objeto-valor (O) = lápis: O<sub>lápis</sub>

Para o nível Narrativo importam as transformações de estado e os processos de manipulação e sanção, independentemente do ator que ocupa cada papel actancial, no entanto, esse vínculo auxilia na compreensão das relações entre os actantes. É importante notar, porém, que o investimento de atores nos papéis actanciais não pertence exclusivamente a nenhum dos dois Níveis envolvidos, dado definir actantes conforme os atores e vice-versa.

Cabe observar, conforme defendemos, todo o Percurso Gerativo do Sentido seja analisado como um processo, inclusive no Narrativo, que não é temporal, é lógico. Ao definir os elementos do percurso, portanto, não estamos definindo pontos em um esquema, mas a transformação entre seus estados no texto.

O que, afinal, estamos chamando de “Tipologia da Ação”? Trata-se de uma classificação que remonta às primeiras investidas da Semiótica Francesa: relacionar atores do *Nível Discursivo* com os papéis actanciais ocupados por eles e classificar conforme a transformação de estado seja de aquisição (disjunção para conjunção) ou privação (conjunção para disjunção). Nenhum valor fórico é definido neste nível de análise, pois, mesmo que os nomes utilizados para compor a tipologia pareçam tendenciosos, o Nível Narrativo é puramente lógico. A valorização advirá da análise dos outros níveis, em especial, o Nível Fundamental, que foge ao escopo do presente trabalho.

A importância da classificação resultante da análise da Tipologia da Ação, deveras simples, não é, como pode parecer, deixar claro o sincretismo de papéis. A Tipologia da Ação é importante para evidenciar a polêmica da narrativa, a qual pode ser de grande relevância na construção do sentido em um texto ao explicitar os pontos de vistas nele conflitantes.

## **1. Atores e papéis actanciais**

Todos os papéis actanciais do Nível Narrativo podem ser ocupados por um, por muitos ou por atores alternados do Nível Discursivo. A contrapartida é igualmente verdadeira: nenhuma regra narrativa define quantos ou quais atores vão ocupar cada papel actancial.

Não poderia ser de outra forma: o Nível Discursivo é mais complexo do que o Nível Narrativo, de modo que normalmente possui muito maior diversidade de elementos personificáveis que podem ocupar os papéis actanciais, em número fixo e restrito. Cabe observar o potencial dessa relação entre atores (Discursivo) e actantes (Narrativo), a qual permite, quando relevante, analisar a ativação ou não de diferentes atores, numa indicação forte de sua importância para os valores veiculados no texto (Lara; Matte, 2009, p. 35-55).

Podemos ocupar um Sujeito de Estado (S1) com “João”, “João e Maria” ou mesmo “filhos”, e isso não afetará a análise do Nível Narrativo. No entanto, se o conjunto “João e Maria” for sujeito do fazer (S2) e de estado (S1) ao mesmo tempo, o efeito de sentido de autoafetamento interfere na compreensão do texto.

A classificação da Ação, portanto, no que tange à relação entre atores e actantes, depende de haver sincretismo de papéis, situação em que um mesmo ator ocupa mais de um papel actancial no trecho em foco, ou de, pelo contrário, cada actante corresponder a um ator (ou conjunto de atores) diferente.

Conforme Barros (1988, p. 26), trata-se de conjugar 2 diferentes critérios e o primeiro é justamente esse: a definição da identidade do *ator* que, na função em foco, ocupa os *papéis actanciais* de sujeito do fazer (S2) e sujeito de estado (S1), de modo a determinar se essa identidade é transitiva ( $S1 <> S2$ ) ou reflexiva ( $S1 = S2$ ).

## 2. Tipo de transformação

Ainda em Barros (1988, p. 26), é discutido o tipo de transformação realizada por S2, no Programa Narrativo em foco, tipo este que pode ser de *aquisição* (transformação de disjunção para conjunção) ou de *privação* (transformação de conjunção para disjunção).

Após analisar os atores, os actantes e o tipo de transformação na Etapa da Ação, temos todas as informações necessárias para calcular o tipo da Ação.

Para saber se a transformação é aquisição ou privação, observa-se a direção da transformação (aquisição ou privação), o que, em conjunto com a análise da relação actante/ator, já é suficiente para realizar a classificação da tipologia, com os quatro tipos mencionados já no *Dicionário de Semiótica*:

- aquisição reflexiva ( $S1=S2$ ): Apropriação (Greimas; Courtés, s/d, p. 24);
- privação transitiva ( $S1<>S2$ ): Espoliação (desposseção no dicionário: Greimas; Courtés, s/d, p. 113);
- privação reflexiva  $S1=S2$ : Renúncia (Greimas; Courtés, s/d, p. 382);
- aquisição transitiva ( $S1<>S2$ ): Doação (Greimas; Courtés, s/d, p. 133).

São, de fato, duas regras:

1. A primeira verifica se é aquisição ou privação. Esta informação vem do Nível Narrativo, na Dimensão Pragmática, Etapa da Ação: *Tipo de transformação*.
2. A segunda verifica se os atores que ocupam o papel de S1 e S2 são o mesmo ou se são diferentes. A resposta vem da comparação entre os *actantes* do Narrativo, sujeitos de estado e de fazer, coletados na Dimensão Pragmática, Etapa da Ação, e os *atores* do Nível Discursivo<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Caso isso não seja observado, corremos um sério risco de trocarmos aleatoriamente os atores, obtendo, com esse engano, resultados igualmente aleatórios, nada científicos, portanto.

A partir do exposto, podemos montar a classificação expressa no Quadro 1.

**Quadro 1** – Classificação da tipologia da Ação conforme o sincretismo ou não de papéis (vertical) e o tipo de transformação (horizontal)

	Aquisição	Privação
S1=S2 reflexiva	Apropriação	Renúncia
S1<>S2 transitiva	Doação	Espoliação

**Fonte:** Elaboração própria

### 3. Caráter polêmico: o ponto de vista no Nível Narrativo

Como dito acima, a importância dessa tipologia é fazer emergir a polêmica que toda transformação de estado tem como pressuposta (Barros, 1988, p. 26). Conforme Barros, a polêmica reside no fato de que, para toda aquisição, há uma privação. Propõe-se aqui considerar também as diferenças entre dois tipos de polêmicas possíveis, que, conforme proposta nossa, diferem por S1 ser caracterizado como voluntário/consciente (polêmica cônica) e, na outra, como involuntário/inconsciente (polêmica alienada). A *polêmica cônica* é aquela na qual S1 é voluntário na transformação, ou consciente dela, e a *polêmica alienada*, aquela na qual S1 é constrangido à transformação, ou inconsciente da operação. A foria não está diretamente vinculada a esses nomes, pois essa relação muda conforme o texto.

NOTA: Retomando a tipologia, dado que a polêmica reside exatamente no fato de que, para cada aquisição, há uma privação, cabe destacar que o mesmo não ocorre com objetos compartilháveis, como o conhecimento, que é doado sem deixar de pertencer ao autor da doação. Um exemplo contrário são os segredos industriais os quais, embora ainda trabalhem com um objeto compartilhável, endereçam a polêmica à Etapa da Verificação.

É por depender do ponto de vista que esta classificação traz à tona o *caráter polêmico* da Narrativa, muito produtivo em textos em que a polêmica reside na relação entre os atores e os objetos. Assim, é imprescindível, para essa etapa da análise da polêmica, que se observe qual ator está colocado no papel de S1, pois o Sujeito do estado define o tipo de polêmica conforme sua participação na transformação.

Observe também que a palavra polêmica não possui, na Semiótica, o sentido coloquial que conhecemos, mas relaciona-se a ele porque um programa contrapõe-se a outro:

- quem me *espoliou* de algo, *apropriou-se* daquilo: polêmica alienada;
- quem me *doou* algo, *renunciou* àquilo: polêmica cônica.

Esta microanálise mostra a força do Nível Narrativo para análise de textos mais complexos, nos quais o sincretismo de papéis pode trazer à luz as estratégias pelas quais um sujeito faz algo para si mesmo; por exemplo, a automutilação aparecendo numa pessoa que não gosta de dor é um sincretismo no qual o S1 situa-se num quadro de valores segundo o qual "dor" é ruim, enquanto S2, apesar de estar figurado pelo mesmo ator do Nível Discursivo que S1, situa-se num quadro em que "infligir dor" não é tão relevante quanto o castigo que o ato representa. Castigar S1 (ele próprio) não significaria um ato contra si mesmo (S2), mas uma redenção pela dor, ou seja, um ato positivo, tal como aparece em algumas religiões.

Nos textos em que a polêmica explica a produção de sentido, a detecção correta da Tipologia da ação é fundamental, pois não conseguiremos perceber a polêmica da narrativa se trocarmos uma doação por uma apropriação, por exemplo. Isto pode acontecer caso não sejam observados os vínculos entre os tipos opostos no mesmo tipo de polêmica, como veremos a seguir. Note, porém, que isso não significa que um texto só possa conter um ou outro tipo de polêmica e nem que os opostos precisem estar textualizados.

Por um lado, quando encontramos operações de diferentes tipos de polêmicas num mesmo trecho, isso pode tanto ser causado por estarmos falando de diferentes percursos narrativos, quanto pode revelar relações mais complexas, como polêmicas em rede.

Por outro lado, considerando que toda aquisição presume uma privação concomitante, mesmo que uma delas não seja textualizada, ela está pressuposta no texto (exceto para objetos compartilháveis), o que pode ser importante para uma leitura dialógica do mesmo.

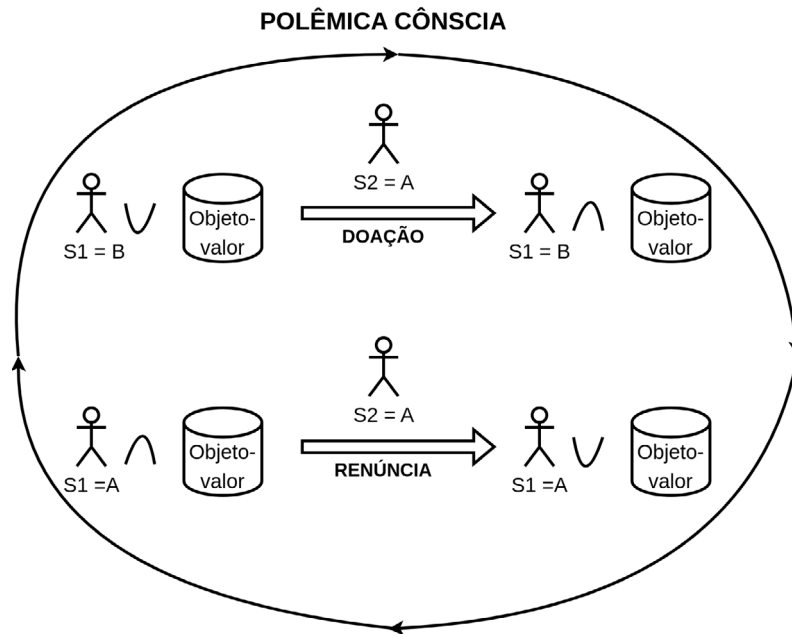
#### **4. Polêmica cônica**

Doação e renúncia são os dois tipos de polêmica cônica (Esquema 1) por haver em ambas o consentimento de S1, gostando disso ou não. Um bom exemplo é apresentado por Barros (1988, p. 26): "Na fala de Joana, em *Gota d'água*, a transformação operada é ora descrita como uma doação de valores a Jasão (aquisição transitiva), ora como a renúncia de Joana a esses valores (privação reflexiva)."

A Polêmica Cônica, primeiro tipo de polêmica, é geralmente encontrada em textos nos quais:

- a) S1 sabe da operação que transforma seu estado em relação ao objeto, aceitando-a, ou
- b) S1 está ativo durante a operação.

**Esquema 1** – Polêmica cônica: a toda doação corresponde uma renúncia

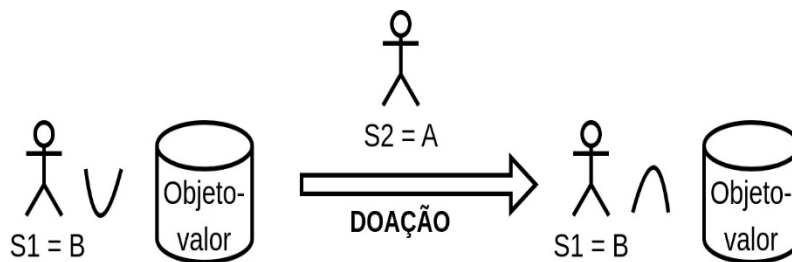


**Fonte:** Elaboração própria

Os dois tipos de ação possíveis na polêmica cônica são descritos a seguir: doação e renúncia.

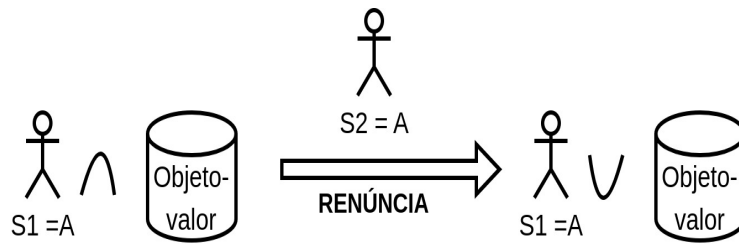
- *Doação*: o sujeito do fazer (S2) é diferente do ator que ocupa o papel actancial de Sujeito de Estado e a operação é de aquisição: S1 passa de disjuntivo a conjuntivo num processo transitivo.
- Se B ganhar um prêmio – seja concreto como uma taça, seja abstrato, como uma honra –, B é S1, mas a transformação é de autoria de A (S2), num processo de aquisição por *doação* (Esquema 2).

**Esquema 2** – Transformação de estado: aquisição por **Doação**



**Fonte:** Elaboração própria

### Esquema 3 – Transformação de estado: privação por **Renúncia**



Fonte: Elaboração própria

- Renúncia: o sujeito do fazer (S2) é o mesmo ator que ocupa o papel actancial de Sujeito de estado e a operação é de privação, num processo reflexivo (Esquema 3).
- Se A conceder um prêmio a B, A ficará sem o prêmio, de modo que o mesmo ator A ocupa os dois papéis S2 e S1, num processo de privação por *renúncia*.

## 5. Polêmica Alienada

No segundo tipo, a Polêmica Alienada (Esquema 4), a aquisição e a privação independem do sujeito de estado, de certo modo que, na transformação realizada, há uma espécie de alienação de S1 em relação à escolha entre ganhar ou perder a conjunção. Exemplos de Barros (1988, p. 27):

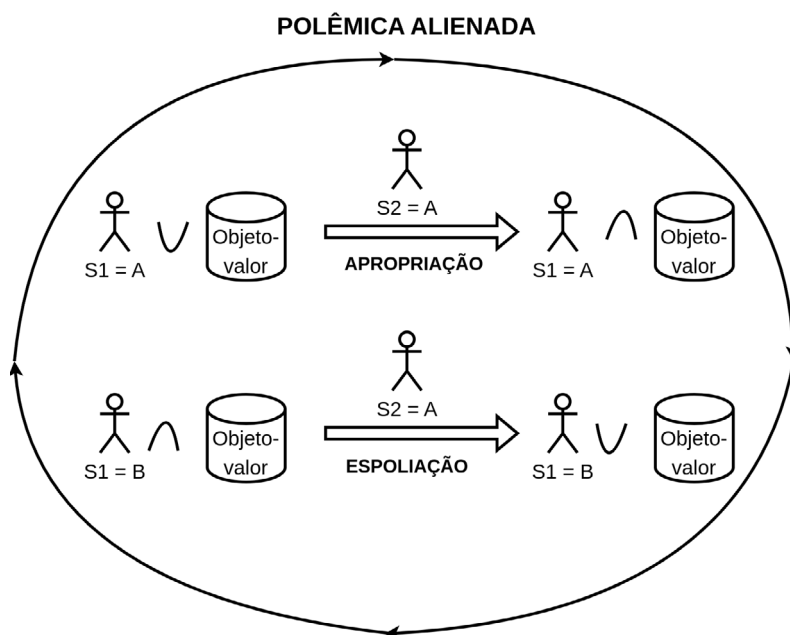
Bons exemplos da correlação entre os programas de apropriação e de espoliação ocorrem na literatura popular, pois quando o sujeito “príncipe” se apropria do objeto “princesa”, o sujeito “dragão” é dele espoliado; quando o Pequeno Polegar adquire a bota-de-sete-léguas, priva dela o Ogro, quando Joãozinho-do-pé-de-feijão se apodera da galinha-dos-ovos-de-ouro, o Gigante perde esse objeto-valor.

A Polêmica Alienada será geralmente encontrada em textos nos quais:

- a) não importa se S1 sabe ou não da operação que transforma seu estado em relação ao objeto, ou
- b) S1 sabe o que está acontecendo mas permanece inativo/passivo durante a operação.



**Figura 4** – Polêmica Alienada: a toda apropriação corresponde uma espoliação

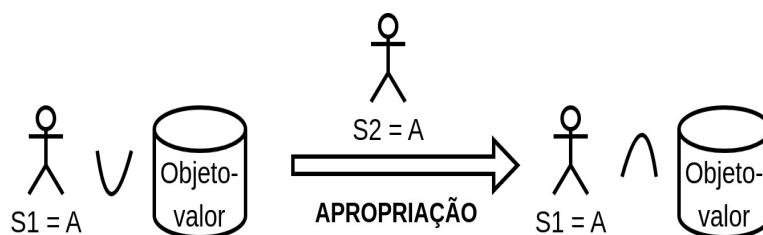


**Fonte:** Elaboração própria

Apropriação e espoliação são os dois tipos de ação na polêmica alienada, descritos a seguir.

- *Apropriação*: o sujeito do fazer (S2) é o mesmo ator que ocupa o papel actancial de Sujeito de estado e a operação é de aquisição. A relação é reflexiva.
- Se A toma para si o prêmio que deseja, A ocupa S1 e S2 ao mesmo tempo, num processo reflexivo de *aquisição* por *apropriação*. Assim, A transformou sua própria disjunção com o objeto em conjunção (Esquema 5).

**Esquema 5** – Transformação de estado: aquisição por Apropriação

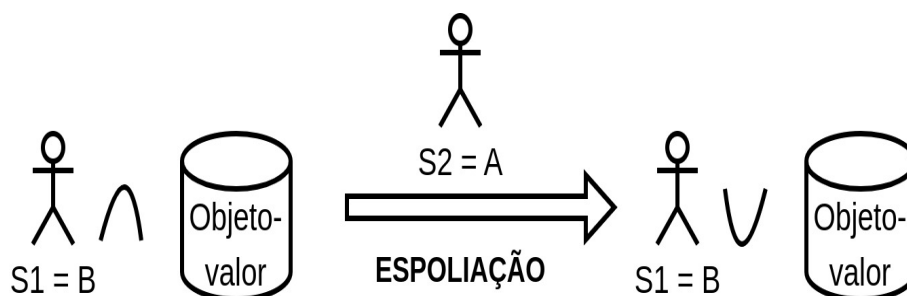


**Fonte:** Elaboração própria

- *Espoliação*: o ator que ocupa o papel actancial do sujeito do fazer (S2) é diferente do ator que ocupa o papel de Sujeito de Estado e a operação é de privação. Processo transitivo.

- B, como S1, recebeu um prêmio, do qual foi destituído por um recurso de A, S2. Assim, S1, que estava em conjunção com o prêmio, fica sem ele (disjunção) numa transformação realizada por B. Trata-se de um processo de privação por *espoliação* (Esquema 6).

**Figura 6** – Transformação de estado: privação por **Espoliação**



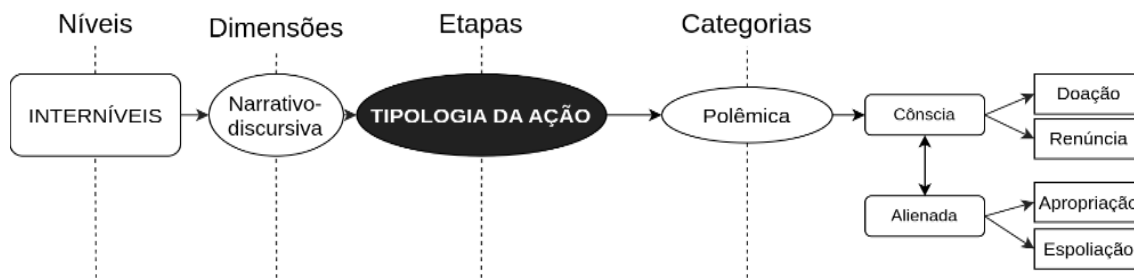
**Fonte:** Elaboração própria

## 6. Polêmica na árvore

A Árvore das Categorias de Análise Semiótica (Matte, no prelo), por meio de um esquema de ramificações, mostra, de forma espacializada, as relações entre as etapas e categorias de análise, compreendendo as seguintes ramificações: Nível → Dimensão → Etapa → Categoria → Subcategorias (não obrigatórias) → respostas. Nessa árvore, a Etapa de Tipologia da Ação aparece com duas categorias fechadas excludentes entre si (Esquema 7), destacando-se o tipo de polêmica da narrativa em questão. Assim, a análise deverá dizer qual das duas polêmicas aparece no trecho e, desta categoria, qual a tipologia entre duas possíveis:

- Interníveis
  - Dimensão Narrativo-Discursiva
    - Etapa da Tipologia da ação
      - (ou) Polêmica Alienada
        - ) espoliação
        - ) apropriação
      - (ou) Polêmica Cônica
        - ) doação
        - ) renúncia

**Esquema 7** – Imagem do ramo do Interníveis relativo à dimensão narrativo-discursiva, cuja única ramificação é a tipologia da ação



**Fonte:** Elaboração própria

A Tipologia da Ação implica considerar informações de dois níveis diferentes (Narrativo e Discursivo), de modo a constituir um processo único bastante simples, dado que cada etapa em foco possui somente uma categoria de análise. É uma fase importante para diversas análises, principalmente para analisar a polêmica da Narrativa, motivo pelo qual decidimos, na Árvore, chamar de Polêmica a categoria de análise da Etapa da Tipologia da Ação, com as subcategorias cônica e alienada.

Cabe destacar que a análise de objetos compartilháveis possui outros meandros, como explicado em nota de rodapé mais à frente.

Passos da análise:

1. Aqui são recuperados o(s) ator(es) do Nível Discursivo que ocupa(m) papel(éis) actancial(is) no Narrativo – individualmente ou coletivamente –, especialmente S1 e S2;
2. Anotar se o ator que ocupa o papel de S1 é o mesmo ou não que aquele que ocupa S2;
3. Analisar o tipo da transformação em foco: aquisição ou privação;
4. Comparar os resultados de 2 e 3, destacando a tipologia presente;
5. Conforme a tipologia, definir qual a Polêmica em curso.

**Quadro 2** – Apoio às análises da tipologia da ação, exemplo.

Ator/Actante	Tipo de transformação	Tipologia da Ação	Representação	Polêmica
Maria: S1 e S2	Privação	Renúncia	$S1_{\text{Maria}} \cap Ov_{\text{pau}}$ $\frac{[S2_{\text{Maria}}] S1_{\text{Maria}}}{Ov_{\text{pau}}} \rightarrow U$	Cônica

Maria=S1; Maria=S2; Pau=Ov.

**Fonte:** Elaboração própria

Sugerimos, para maior visibilidade das análises trecho a trecho de um texto, organizarmos os dados numa tabela com cinco colunas, como no Quadro 2, colocando-se o Ator na primeira coluna e o tipo de transformação na segunda, antes de começar a análise da tipologia da Ação, que fica na terceira coluna, sendo a quarta opcional, dedicada à representação da transformação em foco, e na quinta é anotado o tipo de polêmica à qual pertence a tipologia.

## 7. Tipologia da ação

A análise da tipologia da ação requer considerar quais papéis actanciais foram textualizados em atores no trecho em foco, qual o tipo de transformação em jogo (Tipo de Transformação, à página 6) e se o ator que ocupa o papel de Sujeito de Estado é ou não o mesmo que ocupa o papel de Sujeito do Fazer, classificando<sup>3</sup>:

- se S1 <> S2 mais aquisição, então Doação;
- se S1 = S2 mais aquisição, então Apropriação;
- se S1 = S2 e privação, então Renúncia; e
- se S1 <> S2 e privação, então Espoliação.

## 8. A Polêmica da Narrativa

A importância de estudar a tipologia da ação é permitir visualizar de forma clara a polêmica da narrativa: dependendo do ponto de vista adotado, será uma aquisição ou uma privação, por exemplo.

De certa forma, trata-se de acessar duas vozes concorrentes no texto, a expressa no trecho em análise e aquela costumeiramente oculta: polêmica cônica, para doação e renúncia, e polêmica alienada, para apropriação e espoliação (Quadro 3).

**Quadro 3** – Agrupamento dos tipos de ação conforme o tipo de polêmica

Polêmica Cônica	Doação
	Renúncia
Polêmica Alienada	Apropriação
	Alienação

**Fonte:** Elaboração própria

<sup>3</sup> <> significa “é diferente de” e = tem sentido igual ao da linguagem cotidiana, ou seja, “é igual a”.

## 9. Um exemplo

De um *corpus* formado por notícias da revista *Carta Capital* sobre violência nas escolas em 2023, foi escolhida uma, de tamanho diminuto e que focasse mais de uma figura personificável, ocupando papéis de S1 e S2: “PF realiza operação contra grupo neonazista envolvido nos ataques em escolas de Aracruz”<sup>4</sup>.

Uma das etapas de análise que se destaca no texto, em diversas sentenças, é a Veridicção, a qual, embora não caiba no escopo do presente trabalho, tem sua importância na análise da Tipologia da Ação. Uma breve análise desta etapa de análise do Nível Discursivo indica uma transformação do que podemos chamar de estado veridictório, ou seja, a *PF* transforma o segredo do *grupo neonazista* em verdade. Como o segredo era, para o *grupo neonazista*, um objeto modal necessário à sua ação, a *PF*, ao realizar essa transformação, retira do grupo a liberdade para agir, interrompendo as atividades de pelo menos parte do grupo, conforme a notícia.

O foco dessa análise, como esperado para o presente artigo, é a polêmica da Narrativa, de tal forma que ela compreende figuras personificáveis, atores, actantes S1 e S2, estados e transformações de estado.

O texto foi subdividido em sentenças separadas por ponto final. Alguns trechos:

Trecho 1. “PF realiza operação contra grupo neonazista envolvido nos ataques em escolas de Aracruz” (título)

Na sentença 1, os sujeitos do fazer (S2 = *PF*) e de estado (S1 = *grupo neonazista*) estão implicados num processo de privação por Espoliação. O termo “escolas de Aracruz” indica o espaço da ação. Algumas perguntas podem explicitar melhor essa classificação:

O que a *PF* muda no estado conjunto do grupo neonazista?

Ou ainda: Qual o objeto valor?

O *grupo neonazista* estava em conjunção com os *ataques*, ou seja, a figura personificável *ataques* é o ator que ocupa o papel actancial de objeto-valor, o qual, no estado pré transformação, participa do estado conjunto com o grupo neonazista. A *PF*, no papel actancial de S2, realiza uma transformação desse estado em conjunção em disjunção, dado que o grupo, ao ser trazido à luz pela polícia federal, fica impedido de conjungir-se aos *ataques*<sup>5</sup>.

---

4 Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/puf-realiza-operacao-contragruponeonazista-envolvido-nos-ataques-em-escolas-de-aracruz/>

5 Poderíamos também analisar esse objeto como um objeto modal: o objeto seria /poder atacar/, o que poderá ser uma boa ideia na análise de outras categorias.

Trecho 2. "Grupo compartilhava material neonazista em aplicativo de mensagens"  
(subtítulo)

A sentença 2 apresenta um outro ponto de vista, o do *grupo neonazista* (S1 e S2). Essa sentença traz o *aplicativo de mensagens* como espaço da ação e o *material neonazista* como objeto-valor. Compartilhar o *material neonazista* significa, em outras palavras, que um *membro* transforma o *grupo* de disjunto a conjunto com o conhecimento em foco no material compartilhado. Trata-se, portanto, de sujeitos S1 e S2 ocupados por atores diferentes, respectivamente S2 e S1, numa operação de aquisição: doação.

Observando-se estas duas sentenças, vemos dois pontos de vista, em polêmicas diferentes: o da polícia, em primeiro plano, numa polêmica alienada, e o do grupo neonazista, numa polêmica cônica.

NOTA: O fato de não se tratar de uma única polêmica com suas tipologias opostas, deve-se ao fato de que cada trecho (1, 2) refere-se a uma transformação diferente. Em suma, duas polêmicas não aparecem em uma única transformação.

A ação da polícia condiz com o ponto de vista do narrador oculto dessa notícia enunciativa, em terceira pessoa, exceto nas citações de dizeres dos atores, ou melhor de S2, dado que todos os casos de citações referem-se ao ator PF. A perspectiva do grupo permanece oculta em quase todo o tempo do texto. A polêmica cônica aparece somente no subtítulo, no qual foca as práticas recorrentes do grupo. Quando o faz sem citar o outro ponto de vista, como na sentença 2, é o ponto de vista oculto que aparece.

Trecho 7. Os investigadores identificaram que o grupo neonazista compartilhava material com tutoriais de assassinato, além de conteúdos relacionados a atentados contra minorias: ideais neonazistas, promoção de ódio, vídeos de mortes violentas e manuais sobre como fabricar artefatos explosivos.

Nessa sentença 7, as figuras personificáveis são: investigadores, grupo neonazista, tutoriais, conteúdos, minorias. Enquanto o  $S_{-polícia}^{fazer}$  realiza uma operação de privação sobre o estado de  $S_{-grupo\ neonazista}^{estado}$  (Espoliação), surge uma pista sobre a ação do grupo, cujo objeto textualizou-se como *ataques* na sentença 1:

- Ocupando o papel de S2, o grupo neonazista transforma o estado de conjunção do  $S1_{-minorias}$  em disjunção com o  $O_{-seguranca}^{valor}$  pressuposto pelo texto.
- Assim, temos uma operação de privação também transitiva (S1<->S2), a qual revela o sujeito de estado não textualizado no texto até este trecho.
- O  $S1_{-minorias}$ , por sua vez, revela a transformação promovida pelo grupo e criminalizada no texto: a prática de espolar a segurança das minorias<sup>6</sup>.

---

6 Como o objeto pressuposto não está textualizado, podemos utilizar outros termos para este objeto-valor, segurança é apenas um deles.

Pode-se afirmar que aquilo a que chamamos de ação/agir é o Ov da espoliação do grupo (S1) pela PF (S2), transformação que é o enunciado narrativo de base do texto como um todo.

Concluindo esta breve análise, deve-se observar que, portanto, o percurso de base do texto como um todo é a espoliação pelo S2<sub>PF</sub> sobre o estado de conjugação S1<sub>grupo</sub>, estado este, por outro lado, pertencente a outro percurso de uso de espoliação em que S2<sub>grupo</sub> priva S1<sub>minorias</sub> do O<sub>valor</sub><sub>segurança</sub>. E não se pode deixar de notar que o ponto de vista adotado não é nem do grupo, como Sujeito de estado no percurso de base, nem das minorias nesse percurso de uso, mas o da PF, como sujeito do fazer no percurso de base, o que poderá ser melhor detalhado com uma análise do Nível Discursivo.

## 10. Conclusão

A polêmica do Nível Narrativo diz respeito a dois pontos de vista diferentes no texto, no que tange à transformação realizada por um sobre o outro, numa relação dialógica.

O texto-objeto é enuncivo, pois recorre a todas as estratégias determinadas pelo jornalismo para obter um texto verdadeiro e sem opinião, ou seja, exclusivamente informativo. As estratégias, se, por um lado, simulam a ausência de enunciador e enunciatário num texto que busca esconder a própria enunciação, por outro lado contêm uma valoração dada pela escolha da PF como porta-voz da verdade, valorizada positivamente. É, enfim, um texto em que, em relação à polêmica da narrativa, o ponto de vista da polícia é preponderante nas transformações de estado, polêmica alienada, enquanto o ponto de vista do grupo neonazista é pouco evidente, mantendo-se como uma voz alienada de sua própria ação como S2.

A análise das polêmicas cônica e alienada permitem, inclusive, indicar elementos para outras etapas de análise além da Tipologia da Ação, tal como vemos, no texto-objeto desta análise, a Veridicção em uma mudança de quadro, tornando verdadeiro o segredo pela ação do S2 do enunciado narrativo de base – a PF.

A presença das diferentes polêmicas e dos tipos de ação na notícia em foco não implicam necessariamente o tipo contrário pressuposto pelo encontrado, especialmente para objetos compartilháveis, embora, neste texto, nas transformações de estado em que S2 é a PF, aquisição e privação estão presentes, por textualização ou pressuposição. Isso não acontece com o objeto-valor conhecimento, compartilhável, cuja doação pelo grupo neonazista não requer uma renúncia.

Finalmente, os termos escolhidos para essas polêmicas (cônica e alienada) permaneceram eficientes para essas análises, sendo, porém, em virtude do caráter dedutivo da Semiótica, possível prever textos em que serão pouco vinculados à consciência ou alienação de S1 sobre a transformação, ou seja, contexto em que a nomenclatura das polêmicas deixa de ser motivada.

## | Referências

BARROS, D. L. P. de. *Análise Semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso. Fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. Tradução Alceu D. Lima, Diana L. P. Barros, Eduardo P. Cañizal, Edward Lopes, Ignácio A. Silva, Maria J. C. Sembra, Tiekō Y. Miyazaki. São Paulo: Ed. Cultrix, s/d.

LARA, G. M. P.; MATTE, A. F. *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MATTE, A. F. *Árvore das Categorias de Análise Semiótica*. Série em 4 volumes. Coleção Texto Livre: Pensemeando o Mundo. São Carlos: Pedro & João Editores, no prelo.

### **Como citar este trabalho:**

MATTE, Ana Cristina Fricke. A polêmica da narrativa revisitada. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 24-39, dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em "dia/mês/ano". <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v17i2.19411>.